

CAPA
PARTICIPE DAS TROCAS SOLIDÁRIAS
USE MOEDA SOCIAL
NOME DO EVENTO
LUGAR E DATA

(ilustração de cédulas varias em leque)

Com a moeda social mostramos que
OUTRA ECONOMIA JÁ EXISTE
OUTRA MOEDA É POSSIVEL

Retirada da capa (colocar num quadro imagens de moedas sociais como o TXAI, MATE, ECO SAMPA.)

TXAI é uma palavra que significa “metade preciosa de mim, metade de mim em você”, “companheiro” e “amanhã” para os kaxinawá, povo indígena cuja língua é o “Pano” e cujas aldeias se situam na floresta tropical do Peru e Brasil, nos estados do Acre e Amazonas. Os kaxinawá se autodenominam “Huni Kuin”, que quer dizer “gente verdadeira”. A palavra TXAI foi escolhida para denominar a moeda social do FSM 2005 em razão de seus múltiplos significados que evocam *compromisso, reciprocidade e temporalidade* nas relações sociais, como uma homenagem às primeiras nações do continente que souberam manter vivos esses valores. Existem também outras moedas sociais usadas em eventos massivos, como o ECO SAMPA, criado para o Forum Municipal de Economia Solidária de São Paulo e a moeda MATE, criada pela RETS RS (Rede Estadual de Trocas Solidarias do Rio Grande do Sul).

(moedas TXAI, MATE e ECO SAMPA)) **MOEDA SOCIAL** é o instrumento que substitui a moeda oficial em grupos humanos que atuam como produtores e consumidores em circuito fechado, eliminando assim o obstáculo da escassez do dinheiro. À diferença da oficial, a moeda social não tem juros, nem oferece vantagem ao ser acumulada, pelo qual ela serve à produção e não à especulação. Promove a distribuição da riqueza e não sua concentração, como ocorre na economia dominante.

(pessoas trocando sem dinheiro) **TROCAS SOLIDÁRIAS** é o nome que se dá em vários países da América Latina às transações entre produtores e consumidores que não usam dinheiro oficial e, quando necessário, utilizam uma moeda social. Embora se trate de transações entre muitas pessoas, a palavra *troca* foi conservada para mostrar o sentido de reciprocidade quando alguém oferece algo para outro, sem envolver o dinheiro. Agregou-se, logo, o adjetivo solidário porque muitas dessas

iniciativas se desenvolveram e prosperaram ao interior do nascente movimento da Economia Solidária.

ECOBANCO é o mecanismo que permite criar uma moeda alternativa a partir da seguinte operação: produtores interessados em participar das trocas solidárias depositam uma parte da sua produção no banco e recebem, no ato, a correspondente quantidade de moeda social, segundo uma tabela de valores pré-fixados. Trata-se do mecanismo gerador do “efeito dinheiro”, sem ganhos para terceiros. Em vez de “*ecobanqueiros*”, que obtêm grandes benefícios e acumulam dinheiro, intervêm aqui, um “grupo promotor” ou “*equipe operativa*” responsável de uma gestão transparente e equitativa.

LASTRO do ECOBANCO é o conjunto de produtos depositados pelos participantes e trocados no ato pela quantidade correspondente de unidades de moeda social. É a garantia de validade e confiabilidade de que todas as unidades TXAI poderão ser trocadas novamente por produtos, no final do evento.

É MUITO IMPORTANTE ESCLARECER QUE, POR UM PRINCÍPIO PEDAGÓGICO, NAS FEIRAS DE CURTA DURAÇÃO, A MOEDA SOCIAL NÃO DEVERÁ SER TROCADA POR DINHEIRO OFICIAL (REAIS, R\$), MAS SOMENTE POR PRODUTOS DO LASTRO DO ECOBANCO.

pagina 1

Mercado das Trocas Solidárias - MTS

Denominamos Trocas Solidárias às diferentes práticas de intercâmbio de produtos, serviços e saberes, sem uso do dinheiro oficial. Graças a elas, mostramos como é possível estabelecer relações econômicas mais justas e solidárias, que podem ocorrer:

- ✓ como intercâmbio direto de produtos, serviços e saberes;
- ✓ utilizando uma moeda social, ao invés do dinheiro oficial, para superar as limitações das transações entre duas pessoas;

Numa feira demonstrativa poderão ser organizadas diferentes atividades em que se utilizarão moedas sociais. Ao conjunto dessas atividades denominamos Mercado das Trocas Solidárias – MTS: por exemplo, haverá postos de alimentação e artesanatos variados que aceitarão moeda social e haverá também FEIRAS pedagógicas e oficinas em que moeda oficial será utilizada ou discutida.

O principal objetivo do MTS é mostrar o potencial deste inovador instrumento financeiro que é a MOEDA SOCIAL. Para alcançá-lo, serão colocados em circulação produtos da Economia Solidária e uma quantidade adequada de cédulas de moeda social. A partir dessa prática, os participantes poderão começar a compreender o “mal entendido histórico” que mantém como reféns a milhões de seres humanos em todo o planeta, excluindo-os de um mercado que – enganosamente – faz acreditar que a escassez do dinheiro é própria da sua natureza... Vamos demonstrar que isso não é assim!

pagina 2

Economia Solidária, Trocas Solidárias e Moeda Social

Economia Solidária é uma maneira de organizar a economia fundada na valorização do trabalho, do saber e da criatividade humana, assim como também os valores de cooperação, reciprocidade e partilha. Hoje sabemos que a Economia tradicional foi desenvolvida ao interior do paradigma da escassez, isto é, partindo do falso pressuposto de que era sempre necessário organizar a distribuição de recursos “escassos” para as necessidades sempre crescentes. O resultado foi a concentração da riqueza em poucas mãos e a exclusão, gradual mas contínua, das grandes maiorias do jogo do mercado...

A Economia Solidária consiste na recuperação do paradigma da abundância, que permite distribuir a riqueza e promovendo a inclusão social a partir de diferentes estratégias, como por exemplo: a autogestão dos meios de produção pelos trabalhadores, a revalorização do papel da mulher economia, o comércio justo, o consumo ético e responsável, o orçamento participativo gerenciado pelos cidadãos organizados e pelas diferentes práticas de finanças solidárias, entre as quais se encontram as moedas sociais, como instrumento privilegiado de ruptura do paradigma da escassez.

Trata-se, na realidade, de uma forma inteligente de organizar a produção, a comercialização e o consumo, na forma autogestionária, ética e sustentável, a partir das necessidades, desejos e aspirações das pessoas e da comunidade, respeitando todas as espécies da natureza e do meio ambiente.

Por sua vez, a Moeda Social é um instrumento produzido em quantidade *suficiente* para fazer as transações, em vez do dinheiro oficial que é sempre escasso. Esta prática que não requer dinheiro foi denominada Troca Solidária porque coloca em contato a produtores e consumidores, como se a troca fosse realizada por muitas pessoas. Uma diferença importante entre a moeda social e o dinheiro oficial é que *qualquer pessoa* pode ter acesso a ela, na medida que pode produzir algo e necessite consumir algo de um valor equivalente, que poderá intercambiar com qualquer membro do grupo.

A rigor, tecnicamente, não se trata de uma moeda, porque sua aceitação não é obrigatória, como o é a do dinheiro oficial emitido pelos Bancos Centrais. É importante compreender esse aspecto, porque implica que se trata de uma prática absolutamente legal. Sua aceitação é totalmente voluntária. Mais ainda, é parte de uma atitude de compromisso com outra economia que leva em consideração a construção de relações sociais mais justas e equitativas. No Brasil, existe na atualidade em torno de uma centena de grupos que praticam as “trocas solidárias”, com a utilização de moedas sociais próprias de cada grupo. O primeiro grupo foi criado em São Paulo, em 1998, logo continuaram iniciativas no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Canoas, Florianópolis, Curitiba e Fortaleza, entre outras. Em setembro de 2004, realizou-se na cidade de Mendes, estado do Rio de Janeiro, o primeiro Encontro Nacional de Trocas Solidárias, com o apoio da Secretaria Nacional de Economia Solidária, do Ministério do Trabalho e Emprego. Em dezembro desse ano, um funcionário do Banco Central declarou durante o evento Saber Global, realizado em Brasília sob o patrocínio dos Ministerios da Educação e Relações Exteriores, que “*a moeda social Palmas, utilizada pelos moradores do Conjunto Palmeira, em Fortaleza, é “legal” porque tecnicamente não é uma moeda de uso obrigatório, mas sim um “bônus” de aceitação voluntária que melhora a economia local.*”

Os grupos brasileiros, por sua vez, em sua maioria se inspiraram no modelo argentino dos Clubes de Trocas, desenvolvido em Buenos Aires desde 1995. Esse modelo conseguiu conformar várias redes regionais, algumas com enfoque “empresarial”, enquanto outras “solidárias”, mas sem dúvida o mais relevante da iniciativa foram as cifras alcançadas em pouco mais de seis anos: de 23 pessoas em 1995, passaram a aproximadamente 6 milhões, em meados de 2002. Jornalistas e estudiosos de todo o mundo continuam estudando a experiência argentina, que mesmo depois da crise de 2001 reúne possivelmente tantas pessoas quanto o total de participantes dos demais sistemas do mundo. Dos primeiros clubes de trocas da Argentina vem o conceito de “prossumidor”, que define seus membros como produtores e consumidores ao mesmo tempo, para que esse mercado alternativo possa se conformar e manter estável, devolvendo à moeda sua função original como facilitadora dos intercâmbios.

Este é o princípio básico resgatado nessa nova forma econômica: *todos temos algum conhecimento para oferecer, todos podemos produzir algo ou oferecer um serviço que outros necessitam!*

pagina 3

Moeda Social como parte da Economia Solidaria

Assim como durante o FSM 2005 foi usada o TXAI, durante a Feira Nacional da Economia Solidaria 2006, a moeda social ECO SAMPA foi utilizada para promover intercâmbios entre produtores e consumidores das mais diversas regiões do país. O principal objetivo dessa iniciativa foi desenvolver um processo pedagógico prático, implicando as três etapas do processo econômico: *produção, comercialização e consumo.*

É importante ressaltar que a lógica dominante da economia convencional é a *lógica da escassez*, já que o dinheiro em circulação nunca é suficiente para chegar aos produtores e consumidores na medida das suas necessidades. Acaba sempre acumulando-se nas mãos de poucas famílias e algumas grandes corporações, que controlam as finanças de todo o mundo.

Num evento de Economia Solidária, a moeda social representa a possibilidade do produtor substituir a venda de seus produtos num mercado com escassez de dinheiro, pela venda no MTS com moeda social. Assim, o dinheiro oficial pode ser eliminado graças à existência da moeda social. Além de estimular a comercialização de produtos da Economia Solidária, o uso da moeda social representa a vivência de uma prática de alto potencial transformador das relações sociais: trata-se de um ato político que fortalece formas alternativas mais justas de produção, favorece uma *comercialização* inteligente que deixa de ser refém da escassez do dinheiro, além de promover o consumo ético, solidário e sustentável.

A validade da moeda social deverá ser limitada ao espaço concreto do evento para que o mecanismo do ECOBANCO e o MTS fiquem claros para todos os participantes. A partir de certo momento, previamente comunicado, o Ecobanco trocará as moedas sociais por produtos do lastro. O uso da moeda social deverá estar claramente sinalizado por adesivos do tipo "ACEITAMOS TXAI", além das feiras e locais indicados no programa do evento.

pagina 4

Trocas Solidárias em Feiras de Economia Solidária

Como encontrar-se com a moeda social :

Num espaço indicado através de cartazes bem legíveis, deverá ser instalado o ECOBANCO, que não é mais que uma instância reguladora que administra a emissão, distribuição e controle da moeda social, a partir da conformação de um lastro em produtos. Esses produtos poderão ser oferecidos no momento da feira por participantes que conheçam o sistema, já seja desde antes do evento, já seja durante o mesmo, a partir das explicações de animadores do MTS. Para facilitar a destroca de moeda social por produtos do lastro, ao final do evento, também é possível partir de doações de produtos da cesta básica, feitas com antecedência por instituições interessadas nessa prática ou mesmo por empreendimentos da Economia Solidária, como forma de contribuição para iniciativas futuras.

Esta é uma prática contra-hegemônica, na medida que rompe com a lógica da escassez, na qual os "números devem fechar" e se substitui pela lógica do paradigma da abundância onde reconhecemos a riqueza produzida no planeta como propriedade de *todos os seus habitantes* e não só daqueles que, historicamente, aprenderam melhor a apropriar-se dela...

Para fazer as transações, é possível encontrar-se com moeda social das seguintes formas:

- Entregando produtos próprios, que o Ecobanco considere adequados para conformar o lastro e que serão trocados por uma quantidade de unidades correspondentes, segundo uma lista de valores previamente acordados;
- Adquirindo com moeda oficial esta cartilha, que pode incluir uma pequena quantia de moeda social, possível graças a algum subsídio que financie o trabalho de criação e produção da cartilha como instrumento pedagógico;
- Entrando no circuito da Economia Solidária como consumidor ético e responsável, o participante interessado poderá comprar com moeda oficial produtos da economia solidária disponíveis nas feiras e postos de comercialização da Feira Nacional de Economia Solidária 2006, entregando-os ao ECOBANCO e recebendo unidades TXAI em troca.

Todas essas práticas são necessárias no espaço do MTS para que seja obtida uma amostra do “efeito dinheiro” da moeda social. Em outras iniciativas das finanças solidárias, como são os bancos comunitários e as feiras semanais permanentes, podem ser utilizados outros mecanismos.

(pagina 5)

Mercado das Trocas Solidárias – MTS: postos de venda, feiras e oficinas

Postos de vendas e feiras dos Mercados de Trocas Solidárias funcionarão em horários previamente estabelecidos, em lugares indicados para tal fim, além de locais identificados com um adesivo que indica: ACEITAMOS MOEDA SOCIAL.

Dentro do possível, nos postos e feiras somente serão comercializados produtos da Economia Solidária. O intercâmbio direto e de serviços será de exclusiva responsabilidade dos prosumidores, como corresponde a esse novo modelo de desenvolvimento: espaço de cultivo de responsabilidades individuais e coletivas ao mesmo tempo! É importante lembrar que o sentido do MTS é experimentar, discutir e questionar a prática da moeda social na Economia Solidária, para fundamentar sua posterior adoção.

São fundamentais a confiança, a reciprocidade e a atitude de distribuição da riqueza, em vez da competitividade e a acumulação de produtos! *Por isso, faça circular suas moedas sociais tanto quanto possa, em vez de guardá-las como fazem aqueles que crêem que estão acumulando suas “reservas” para um futuro que, em geral, nunca chega...*

Resgate das moedas sociais ao final do evento

Ao final do período de validade da moeda social, as pessoas que tenham em suas mãos, poderão troca-las por produtos do ECOBANCO: isso deve estar SEMPRE claramente indicado!

O excedente do ECOBANCO – possível graças a existência de doações e da probabilidade de que muitos participantes queiram levar algumas moedas sociais como “lembrança” do evento – poderá ser destinado a alguma das possibilidades decididas pelos participantes, segundo a deliberação do grupo ou os resultados depositados em uma urna indicada para tal efeito:

1. retribuição eqüitativa do trabalho dos operadores do ECOBANCO e do Mercado das Trocas Solidárias/MTS;
2. retribuição proporcional às horas de trabalho dos operadores do ECOBANCO e do MTS;
3. doação a um ou mais grupos locais que decidam empreender um projeto de ECOBANCO em seu território;
4. outros, a definir.

Independentemente da forma que decida participar, cada participante poderá entender um pouco mais sobre esta alternativa de uma nova concepção de riqueza, trocas, moedas sociais e finanças solidária, ao estar em contato com pessoas de todas as regiões do país, com experiência nesse tipo de iniciativas.

((Na ilustração, a mulher diz: A experiência nem sempre é fácil, pois estamos lidando com uma nova forma de economia, desvinculada da economia oficial, às vezes oposta a ela. Não estamos acostumados a ela...))

Alguns critérios para a circulação da moeda social

- os valores dos produtos serão decididos pela equipe gestora do ECOBANCO e negociados com o ofertante;
- somente uma parte dos produtos será trocada por moeda social pelo ECOBANCO, para que o/a participante possa vivenciar as dificuldades/facilidades do mercado solidário;
- cada dia poderão ser fixadas novas regras para os intercâmbios, segundo a experiência do dia anterior;
- a equipe gestora do ECOBANCO poderá ser consultada em caso de dúvidas ou diferenças de critério entre os participantes.

Por que participar do Mercado de Trocas Solidárias?

- Porque queremos mostrar que é possível descobrir abundância onde hoje somente vemos escassez...
- Porque a Economia Solidária trabalha com um novo movimento cooperativo que promove uma recriação da Economia, voltada para os setores populares como protagonistas de sua vida social, incluindo não somente aspectos econômicos, mas também políticos e culturais.
- Porque – embora poucos saibam - as trocas solidárias formam parte da Economia Solidária e se caracterizam por práticas muito transformadoras que já estão se desenvolvendo em todo o mundo.
- Porque o espaço do Feira Nacional de Economia Solidária é um lugar privilegiado para discutir os “mal entendidos” teóricos que geraram o atual modelo de concentração da riqueza...
- Porque existem no país suficientes experiências exitosas desconhecidas que podemos aproveitar em outros contextos, aprofundar, e, ainda ... seguir renovando!
- Porque acreditamos que hoje a Política se faz, principalmente, desde a Economia!

Ao final da cartilha devem aparecer

1. os logos de todas as entidades envolvidas na produção da cartilha, em ordem alfabética;
2. Para saber mais, consultar: www.redlases.org.ar; www.fbes.org.br; www.redesolidaria.org.br; <http://money.socioeco.org>; www.instrodi.org; www.monnetta.org; www.accessfoundation.org; www.smallisbeautiful.org; www.appropriate-economics.org; www.reinventingmoney.com; www.favors.org; www.olccjp.net